

# A sífilis no século XVI- o impacto de uma nova doença

## *Syphilis in the 16th century: the impact of a new disease*

**Benedito Geraldês Neto<sup>1</sup>; Zaida Aurora S.G. Soler<sup>2</sup>; Domingo Marcolino Braile<sup>3</sup>; Wilson Daher<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Médico, mestrando da Pós-Graduação da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP).

<sup>2</sup>Enfermeira, doutora e livre-docente em enfermagem, docente e orientadora da graduação e pós-graduação da FAMERP, Diretora Adjunta de Extensão de Serviços à Comunidade da FAMERP. E-mail zaida@famerp.br

<sup>3</sup>Médico, doutor e livre-docente em medicina, docente e orientador da graduação e pós-graduação da FAMERP, Diretor Adjunto de Pós-Graduação da FAMERP

<sup>4</sup>Médico, doutor em medicina, docente e orientador da graduação e pós-graduação da FAMERP

**Resumo** Nos últimos anos do século XVI, a Europa foi assolada por uma grave epidemia de sífilis, doença até então desconhecida, que em pouco tempo se espalhou por todo o continente. A princípio, a doença recebeu várias denominações, como Mal de Nápoles, Mal Francês e outras, cada povo culpando os inimigos. O termo sífilis foi introduzido por Girolamo Fracastoro em 1530, mas seu uso tornou-se corrente apenas no século XVIII. Nos primeiros anos da epidemia, o quadro clínico era muito grave, surpreendendo a população e os médicos que não sabiam como enfrentá-la. Logo foi constatado seu modo de transmissão venéreo, passando a ser considerada como castigo divino. Várias teorias foram apresentadas para explicar sua origem. A população reagiu com medo e segregação. Como era de se esperar, proliferaram os charlatães, que foram na verdade os introdutores do mercúrio na terapêutica. Incorporado pelos médicos, o mercúrio foi o primeiro medicamento específico contra a sífilis e foi utilizado por cerca de 450 anos, até meados do século XX.

**Palavras-chave** Sífilis, Epidemias; História da Medicina, Doenças de Transmissão Sexual.

**Abstract** In the last years of the 16th century, Europe was struck by a serious epidemics of syphilis, till then an unknown disease, which quickly spread all over the continent. At first, the disease was named differently, as “Naples Disease”, “French Disease” among others, each people blaming their own enemies. The word syphilis was introduced by Girolamo Fracastoro in 1530, but it became common only in the eighteenth century. In the first years of the epidemic, its clinical picture was serious, surprising the population and the physicians, who did not know how to cope with it. Soon it was understood that its contagion was venereal; considered as God punishment. Many theories were introduced to explain its origins. Population reacted with fear and segregation. As expected, charlatans, the right introducers of Mercury in Therapeutics, have proliferated. Incorporated by physicians, Mercury was the first specific syphilis treatment and it was used for almost 450 years, until the early twentieth century.

**Keywords** Syphilis; Disease Outbreaks; History of Medicine; Sexually Transmitted Diseases

### Uma nova doença

A origem da sífilis tem sido assunto controverso, alimentando polêmicas que já duram mais de 500 anos entre os partidários das teorias do Novo e do Velho Mundo<sup>1</sup>. A primeira teoria sustenta que a doença era endêmica na América e que de lá teria sido introduzida na Europa pelos marinheiros de Cristóvão Colombo. A teoria do Velho Mundo, ou Unitária, se apóia na tese de que as treponematoses já existiriam no território europeu e seriam causadas por um único microorganismo, que com o passar do tempo foi se diferenciando e adquirindo características que aumentaram sua virulência e permitiram a transmissão sexual e o desencadeamento de epidemias.<sup>2-4</sup> Polêmicas à parte, é fato amplamente aceito pela historiografia mundial, que no final do século XV irrompeu na Europa uma

epidemia muito grave de sífilis, até então uma doença desconhecida.<sup>5</sup>

A disseminação da doença está relacionada com a campanha militar do rei da França, Carlos VIII, “O Afável” que reivindicava o reino de Nápoles. Seu exército de 12.000 homens era composto em grande parte por mercenários recrutados em diversas nações. Entraram em Roma em dezembro de 1494 e ali permaneceram cerca de um mês entre orgias e comemorações. Acompanhados de perto por uma legião de prostitutas, entraram em Nápoles em fevereiro de 1495, seguindo-se novo período de orgias ao ponto dessa invasão ser chamada na época de “a guerra da fornicção”<sup>6</sup>. Forças organizadas para combater o rei francês forçaram sua retirada para o norte da Itália. Em 06 de julho de

1495 ocorreu a Batalha de Fornovo, ponto onde começa a história documentada da sífilis através do relato de dois médicos venezianos que serviam no front: Marcellus Cumano e Alexandri Benedetto. Cumano relatou aspectos clínicos da doença que viu nos soldados: lesões que pareciam grãos de milho na glândula e prepúcio, pústulas em todo o corpo, que eram seguidas por dores terríveis em braços e pernas que deixavam os soldados desesperados. Benedetto acentua o sofrimento causado por uma moléstia *mais repugnante que lepra ou elefantíase*<sup>2</sup>.

Quando o exército de Carlos VIII foi dissolvido, ainda em 1495, os mercenários regressaram a seus locais de origem, deixando focos da nova doença nos locais por onde passaram, o que está registrado em crônicas, poemas e relatos de médicos da época. No mesmo ano, a sífilis já apareceu em muitas cidades da Itália e do sul da França. Chegou a Paris em 1496, ano em que se espalhou pela Alemanha, Istria e Trácia. No ano seguinte já estava na Inglaterra e na Escócia. Em menos de 10 anos a epidemia já tinha se manifestado em todo o continente<sup>2</sup>.

### Como chamar a nova doença?

Na expressão de Sérgio Carrara, a sífilis era a doença do “outro”, do “estrangeiro”<sup>7</sup>. Era necessário encontrar o culpado por ela, que recebeu dos franceses o nome de Mal de Nápoles enquanto que os italianos a chamaram de Mal Francês, ou Mal Gálico. Cada nova nação afetada providenciava novas denominações: Mal Polonês, Mal Germânico, Mal Espanhol, Mal Cristão; sempre culpando o vizinho ou os desafortunados. O termo *lues venérea* ou simplesmente *lues*, cujo significado em latim é algo como peste, epidemia, surgiu também no século XVI, idealizado por Jean Fernel, em 1579<sup>8</sup>. Também se usavam expressões como mal venéreo, bubas, pudendragas e vários outros. Jacques de Béthencourt, francês, rejeitando a denominação de mal gálico, chamou-a de *morbus veneris*<sup>9</sup>. Diaz de Ysla, em 1539, empregou o nome mal serpentina e justifica: “...eu não posso pensar em outra coisa com a qual ela poderia ser naturalmente comparada do que com a serpente porque do mesmo modo que a serpente é um animal feio, repugnante e assustador, a doença é feia, repugnante e assustadora”<sup>10</sup>.

O nome sífilis surgiu em 1530, em um poema escrito por Girolamo Fracastoro de Verona intitulado “*Syphilis sive morbus gallicus*”, em que conta o mito do pastor Syphilus que amaldiçoou o deus Sol e foi punido com a doença.<sup>11-13</sup>. Apesar do grande sucesso desse livro, o termo sífilis só começou a ser usado de fato no final do século XVIII.

### Contexto histórico

A sífilis apareceu na Europa no período histórico atualmente conhecido como Renascimento, em que se observou uma inquietação cultural nas artes e na ciência, expressada principalmente pelo afastamento dos paradigmas religiosos e teocêntricos que caracterizaram a Idade Média e avanço em direção ao racionalismo e a laicização<sup>14</sup>.

A ciência em geral conhecia um período de avanço no conhecimento. No pensamento científico, o homem passava a ser o objeto de interesse, num movimento intelectual que foi chamado de humanismo, do qual uma das principais

características é a reverência aos autores clássicos, principalmente os gregos, onde se acreditava estar a essência de toda a sabedoria e do conhecimento.<sup>15</sup> Na medicina essa reverência se manifesta na manutenção de muitos dos conceitos hipocráticos/galênicos, especialmente na teoria do equilíbrio dos humores, que foi o substrato teórico dos médicos renascentistas para o tratamento do mal francês.

### O impacto na população e no meio médico

Como se sabe hoje, a história natural da sífilis desenvolve-se em três fases: a primária, que se caracteriza pela lesão no local da inoculação, o cancro duro, a secundária que aparece após latência de 6 a 8 semanas e se manifesta por diversos tipos de lesões cutâneas e a terciária, que ocorre quando, após latência de um a vários anos, surgem lesões localizadas, graves e destrutivas na pele e órgãos internos<sup>16</sup>. Esse cortejo clínico era muito mais grave nos primeiros anos do aparecimento da epidemia. Registros de médicos da época acentuam a grande virulência da doença, tanto pela agressividade das lesões, como pela rapidez com que o quadro clínico se desenvolvia, causa de intenso sofrimento e muitas mortes<sup>2</sup>.

Algumas curiosidades foram apresentadas para explicar o aparecimento da doença: relacionamento sexual entre homem e macaco, entre cavaleiro leproso e uma cortesã, um espanhol que misturou sangue de leproso com vinho grego, um napolitano que envenenou poços na invasão francesa.<sup>2</sup> Era a busca do culpado, comportamento recorrente nas epidemias<sup>17</sup> e que ainda hoje pode ser identificado. No princípio prevalecia a explicação astrológica, pela conjunção de planetas. Girolamo Fracastoro e Pedro Pintor, médicos renomados aceitavam essa teoria. Fracastoro, mais tarde, em notável intuição, aponta a relação entre contágio e minúsculos e invisíveis partículas, que chamou de *seminaria contagione*<sup>18</sup>.

O caráter venéreo da doença foi logo identificado e ela passou a ser relacionada com o pecado e percebida como consequência de punição divina.<sup>5</sup> A população reagia com medo. Os sífilíticos eram segregados como os leprosos. Multidões de doentes afluíam aos hospitais que não tinham como atendê-los e nem queriam. Em Paris o governo local tentou colocar os doentes em celeiros numa abadia próxima a uma colônia de leprosos, provocando a reação desses, que temiam tal vizinhança.<sup>2</sup>

Na verdade, os médicos estavam atônitos ante a nova doença. Seus tratamentos freqüentemente causavam mais sofrimento que alívio. Naturalmente proliferaram os charlatães e os ‘empíricos’, audaciosos, que introduziram o tratamento com mercúrio. Bem ilustrativo a esse respeito é o relato de Joseph Grunpeck, que contraiu a doença e expôs em livro, de modo dramático, a gravidade do seu próprio caso. Grunpeck, que era uma espécie de secretário do imperador Maximiano, revoltado com o insucesso dos tratamentos, diz que os médicos “*mostram seu desagrado com o mau cheiro que ofende o seu olfato acostumado a perfumes e em contaminar seus dedos, sempre aquecidos por constante contato com largas somas de ouro, obrigados a tocar tão sórdidas úlceras*” e recorreu a charlatães que aliviaram os sintomas friccionando pomadas de mercúrio diante de um forno quente<sup>2</sup>. O mercúrio foi o primeiro tratamento

específico da sífilis e foi utilizado por cerca de 450 anos, até meados do século XX.

A partir da segunda década do século XVI notou-se o abrandamento das suas manifestações clínicas e a moléstia assumiu características mais próximas das da sífilis moderna. Vários dos autores da época atestaram essa atenuação da virulência. Fallopio chegou a vaticinar a erradicação da sífilis. Alguns, entretanto, não foram tão otimistas. O francês Jean Fernel, astrônomo, matemático, e um dos mais importantes médicos do século XVI, profeticamente, assegurou que se Deus, por Sua clemência, não destruísse a doença venérea, ela ficaria para sempre na companhia da raça humana.<sup>2,19</sup>

#### Referências bibliográficas

1. Rotschild BM. History of syphilis. *Clin Infect Dis*. 2005 May 15;40(10):1454-63.
2. Quérel C. The history of syphilis. Baltimore: Johns Hopkins Paperbacks; 1992. Tradução de: Le Mal de Naples, Histoire de la syphilis
3. Prado AA. As doenças através dos séculos. São Paulo: Anhambí; 1961. p. 75-86.
4. Morton RS, Rashid S. "The syphilis enigma": the riddle resolved? *Sex Transm Infect*. 2001;77(5):322-4.
5. Arrizabalaga J, Henderson J, French R. The Great Pox the French Disease in Renaissance Europe. London: Yale University Press; 1997.
6. Rosenberg SLM. The lure of medical history: two sixteenth doctors on syphilis and guaiacum - Fracastoro and Ferri. *Calif West Med*. 1931;35(5):371-6
7. Carrara S. A geopolítica simbólica da sífilis: um ensaio de antropologia histórica. *Hist Ciênc Saúde-Manguinhos*. 1997;3(3):391-408.
8. Souza AT. Curso de história da medicina. Das origens aos fins do século XVI. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1996. p. 267-74.
9. Major RH. Classical descriptions of disease. 3<sup>rd</sup> ed., 6<sup>th</sup> print. Springfield: Charles C Thomas Publisher; 1965. p. 35
10. Ysla RD. Tractado contra el mal serpentino; que vulgarmente en Espana es llamado bubas. 1539 apud Ricon-Ferraz AA. Early work on syphilis: Diaz de Ysla's treatise on the serpentine disease of Hispaniola Island. *Int J Dermatol* 1999;38(3):222-7.
11. Scliar M. A paixão transformada. História da Medicina na literatura. São Paulo: Companhia das Letras; 1996.
12. Thyresson N. Girolamo Fracastoro and syphilis. *Int J Dermatol* 1995 oct.;10(34):735-9.
13. Amaral A. Siphilis: moléstia e termo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; 1966. p. 154-95.
14. Guerra F. Historia de la medicina. Madrid: Ediciones Norma; 1989. p.247-página final
15. Kussugawa S. The medical renaissance of the sixteenth century: Vesalius, medical humanism and bloodletting. In: Elmer P, editor. The Healing Arts: health, disease and society in Europe, 1500-1800. Manchester: Manchester University Press; 2004. p. 58-83.
16. Avelleira JCR, Bottino G. Sífilis: diagnóstico, tratamento e controle. *An Bras Dermatol* 2006;81(2):111-26.
17. Nascimento DR, Gouveia G. O signo da culpa na história das doenças. In: XII Encontro Regional de História. 2006. [acessado 2006 dez. 12]. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Dilene%20Raimundo%20do%20Nascimento%20e%20George%20Gouveia.pdf>
18. Hudson MM, Morton RS. Fracastoro and syphilis: 500 years on. *Lancet* 2006;348:1495-6.
19. Knell RJ. Syphilis in renaissance Europe: rapid evolution of an introduced sexually transmitted disease? *Proc Biol Sci* 2004 May 7;271 Suppl 4:S174-6.

---

#### Correspondência

Benedito Geraldês Neto  
AOS 02 bl E apto 503- 70660-025 Brasília DF  
Tel.: (61)3233-7118  
e-mail bgneto@gmail.com

---